



## **Jornalismo Gonzo como Catálise do Encontro entre Literatura e Jornalismo na Década de 70<sup>1</sup>**

Lígia Coeli Silva RODRIGUES <sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **RESUMO**

Este trabalho indicará como as técnicas utilizadas no Jornalismo Gonzo – modalidade de reportagem criada nos Estados Unidos por Hunter S. Thompson, no final da década de 60 e início de 70 –, catalisaram o encontro entre jornalismo e literatura. O gênero ultrapassou convencionalismos metodológicos e aproximou fronteiras ao unir elementos como a ficcionalização e o contraditório efeito da fidelidade à cena descrita. Adotando a revisão bibliográfica como metodologia, refletimos a respeito da ausência de estudos específicos na área, apesar das aproximações propostas por Thompson continuarem reverberando na atualidade após ‘boom’ na reedição dos livros dele. As editoras nacionais concentraram as publicações após 2005, ano da morte de Thompson.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Gonzo; Hunter Thompson; literatura.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este estudo concentra-se na utilização de técnica de reportagem conhecida como Jornalismo Gonzo como catálise ao trajeto que leva ao encontro entre jornalismo e literatura. Esse caminho já foi traçado muitas vezes, mas parece ainda não ter ganhado merecida atenção para que estudos mais aprofundados se desenvolvessem. Assim, tomamos emprestado aqui um conceito da química como metáfora, feitas as devidas ressalvas, para fazer uma reflexão inicial sobre o tema.

A ‘catálise’, na ciência química, é o nome dado ao aumento ou mudança de velocidade da reação, provocado pelo catalisador. A palavra vem do grego, *katálysis* e foi introduzida pelo pesquisador e professor Berzelius (1779-1848). O catalisador é a substância que não se transforma ao final da reação e para efeitos de comparação, utilizaremos nesse trabalho a metáfora para compreender o Jornalismo Gonzo como ‘elemento’ que participa dessa transmutação alterando as relações jornalismo x literatura na década de 70. Antes de anunciar as características da prática Gonzo ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestranda do Curso de Literatura e Interculturalidade MLI-UEPB, email: [coelilivia@gmail.com](mailto:coelilivia@gmail.com).



associá-las à literatura, necessitamos de um retorno ao recorte temporal e social a fim de contextualizar o surgimento dessa modalidade enquanto prática. Partiremos da década de 60, quando as redações dos jornais americanos abrigavam dois tipos de repórteres que fariam despontar o que ficou conhecido como “Novo Jornalismo”. Uma parte desses profissionais buscava o furo jornalístico a todo custo,

Competiam com suas contrapartidas em outros jornais, ou nas agências de notícias, para ver quem conseguia primeiro uma matéria – isto é, quanto mais ela tivesse a ver com o poder ou com catástrofes –, melhor. Em resumo, eles se ocupavam da questão principal do jornal. (WOLFE, 2005, p.13)

No entanto, havia uma segunda “turma” de repórteres que se encarregavam das chamadas “reportagens especiais” (WOLFE, 2005, p.13). Embora não fossem levados a sério pelos próprios editores, esses jornalistas dispunham de uma espécie de competição velada, pequenas guerras travadas entre eles próprios, onde contava pontos o fato de colher histórias curiosas e matérias que, segundo WOLFE (2005), escapavam da categoria notícia pura e simples. Eram fatos excêntricos, curiosos, possibilidade de explorar mais o relato, hobbies estranhos ou perfis: tudo o que fornecesse ao repórter um espaço maior para escrever e, conseqüentemente, experimentar.

Os suplementos dominicais tornavam-se palco para os pequenos ensaios, como se fosse possível fazer treinos secretos e intimistas em busca de aperfeiçoamento de trechos já visando as páginas de um romance. Surgia aí o que ficou conhecido como “Novo Jornalismo”. A princípio, utilizar a expressão foi mais a criação de um hábito, uma maneira ágil de identificar rapidamente a que tipo de jornalismo estavam comentando, afinal

Não era nenhum “movimento”. Não havia manifestos, clubes, salões, nenhuma panelinha; nem mesmo um bar onde se reunissem os fiéis, visto que não era nenhuma fé, nenhum credo. Na época (...) o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade (WOLFE, 2005, p.41-42)

Apesar de uma nebulosidade enquanto definições não nos restam dúvidas: esse momento foi o que preparou, ou pelo menos alargou, o terreno para a chegada do jornalista Hunter Thompson e da sua criação: o jornalismo Gonzo.

## **2. Jornalismo Gonzo – Breves Definições**



O termo ‘Gonzo’ foi utilizado pela primeira vez entre as décadas de 60 e 70 pelo jornalista Bill Cardoso, que, ao escrever comentando sobre um artigo escrito por Hunter Thompson, considerado o inventor dessa prática de jornalista, esbraveja: “– Eu não sei o que porra você está fazendo, mas você mudou tudo. É totalmente gonzo”. A origem dessa palavra vem do francês *gonzeaux*, que significa via iluminada ou ainda caminho iluminado. O jornalismo gonzo enquanto prática, no entanto, surgiu um pouco antes disso, através dos escritos de Thompson e da maneira curiosa com a qual ele produzia os seus textos, que caminhavam a passos largos ao encontro dos elementos da literatura e ficção como recursos que emprestavam ao seu texto um ar de realismo. O fato é que uma das exigências para narrar ao estilo gonzo seria: o escritor precisa participar da cena enquanto escreve sobre ela (THOMPSON, 2004, P.47).

Havia ainda uma resistência nesse autor em admitir que houvesse modificações a serem feitas no texto, no jargão jornalístico, remete a atitude de editar. Isso se explica na medida em que, para ele, “o texto seria seletivo e necessariamente interpretativo – mas uma vez que a imagem fosse registrada, as palavras seriam definitivas” (THOMPSON, 2004, p.46). Essa colocação remete a mais uma característica crucial no Jornalismo Gonzo: a não-utilização da edição. Nada de cortes ou omissões no texto, tudo deveria ser registrado com fidelidade, sem filtros, preservando a espontaneidade essencial a esse gênero. E quanto ao critério de “definitiva” – devemos compreender que o autor remete unicamente ao processo de edição jornalística, e não da veracidade comprovada dos fatos.

Nos textos de Thompson, o lead é diluído em toda a extensão do fato narrado, e cada resposta é dada com tamanha minúcia que o autor transcende o que se entende por notícia ou reportagem: ele passa a contar histórias, como se cada tópico fosse uma sugestão de tema de livros. E é por isso que muitas vezes (e erroneamente), os textos de Thompson são colocados como ficcionais, o que talvez represente mais um entrave quanto a inserção do gênero na academia. Ele próprio defende o posicionamento de que

Isso não significa dizer que a ficção seja necessariamente ‘mais verdadeira’ que o jornalismo – ou vice-versa – mas que tanto ‘ficção’ quanto ‘jornalismo’ são categorias artificiais. As duas formas, em seus melhores momentos, são apenas dois meios diferentes para alcançar o mesmo fim. (THOMPSON, 2004, p.46)

Assim, temos que o Gonzo é um estilo de reportagem baseada na ideia de Willian Faulkner – considerado um dos maiores escritores americanos do século XX – de que a melhor ficção é muito mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo (THOMPSON,



2004, p.46). Nessa categoria, os jornalistas passam a se tornar personagens de suas próprias histórias para dar uma dimensão diferente ao relato e o leitor viaja pelos fluxos de memória do autor. Se num texto convencional esse fator não é importante, no Gonzo é essencial – atravessamos com o olhar todos os cômodos por onde Thompson passa, descritos em tons totalmente confessionais. O foco de atenção se desloca da esfera da entrevista e passa a atuar diretamente no personagem-narrador, que não por acaso é o protagonista da ação: o repórter. Por isso

o Jornalismo Gonzo é a prática mais subjetiva de jornalismo, ou aquela que assume essa objetividade com mais contundência. Por causa dessa subjetividade extrema, pode-se dizer que o Gonzo é a mais sincera das categorias de jornalismo (...) o relato de um fato sob a perspectiva declarada do repórter, sem omitir que aquilo é uma interpretação sua, dá (...) muito mais credibilidade a uma notícia (JULIÃO e MAGALHÃES, 2006. p.73-74)

Uma das primeiras pesquisadoras a elencar e esquematizar o que seriam as principais características do jornalismo gonzo foi a americana Othithis (1994a) em artigo intitulado *The Beginnings And Concept Of Gonzo Journalism*, onde ela expõe pelo menos sete características identificáveis no texto Gonzo, sendo elas:

- a) A seleção de temas – Sexo, violência, drogas, esportes e política foram as temáticas mais exploradas pela perspectiva Gonzo, e isso se explica na medida em que Thompson tende a escrever sobre assuntos nos quais ele está pessoalmente envolvido. Assim, os temas que mais se destacam em sua obra não são estes por acaso, e se aparecem no texto, é porque fazem referências às obsessões da maioria do povo norte-americano.
- b) O uso de epígrafes – a utilização desse recurso nos dá a impressão de que ali, naquelas primeiras linhas, teremos o suspense que antecede o texto. As citações de gente famosa e outros escritores, podendo ser dele mesmo, como epígrafe, surgem como uma noção resumida do que o texto vai abordar. Em *Medo e Delírio em Las Vegas*, por exemplo, ele abre o texto com uma citação do *Dr. Johnson* – “Quem faz de si um animal selvagem fica livre da dor de ser um homem”.
- c) Referências à figuras públicas – atores, músicos e políticos eram alvos fáceis na mira de Thompson. Essa é uma característica que relaciona-se com a



popularização do *Gonzo Journalism* como elemento da cultura pop norte-americana. As citações de pessoas famosas vinham especialmente quando alguma de suas críticas, nada delicadas, nasciam por entre as linhas – que o diga Richard Nixon, que foi personagem principal do texto “O Senhor Nixon descontou seu cheque”.

- d) Tendência ao afastamento do tema – A fuga do foco principal é o que melhor define a audácia de Thompson enquanto jornalista. Receber uma pauta era mais do que estabelecer um roteiro, era o desafio de descobrir o que os leitores queriam ver, e para isso, transgredir normas estabelecidas pelo jornalismo clássico era quase uma necessidade.

Em qualquer investigação jornalística, o repórter se depara com muitas informações paralelas ao objeto de sua reportagem, e mesmo que sejam interessantes, se não possuem relação com o tema que está sendo abordado, são descartadas. No Jornalismo Gonzo, quase tudo é aproveitado e toma parte da narrativa (JULIÃO e MAGALHÃES, 2006, p.70)

Esse desvio de foco, essa captação quase desesperada de imagens avulsas àquelas solicitadas na pauta, pode ser visto na primeira obra Gonzo, *The Kentucky Derby is Decadent and Depraved*. Quando deveria fazer um artigo sobre a corrida de cavalos, Thompson escreve sobre os matutos do Kentucky. Já em *Fear and Loathing in Las Vegas*, a missão era correr a famosa corrida de motocicletas *Mint 400*, que foi facilmente substituída por verdadeiras confissões a respeito dos viciados em drogas, policiais, empregados de hotel, turistas, ciclistas, malucos e repórteres em Las Vegas. O que para muitos autores pode ser considerado como um relato dispensável, que talvez em nada acrescente à narrativa de forma substancial, para Thompson é uma oportunidade de fazer um retrato-improvisado de algo que, encaixado com olhar crítico no meio do texto, forma o mosaico psicodélico em que consistia seus textos.

- e) Sarcasmo, Ironia e vulgaridade – Essas três características pertenciam primeiramente ao próprio Thompson, considerado como um iconoclasta. Todas as expressões desbocadas eram impressas no texto tornando-se elementos constantes nas narrativas. O jornalista gonzo ironiza o objeto de sua reportagem, a linguagem utilizada e a própria condição de ser jornalista. Segundo Othitis (1994), o próprio Thompson "tirava sarro da sua própria profissão, avacalhando de um jeito ou de outro, matérias esportivas (*sic*) perfeitamente críveis" relata.



- f) Fruição das palavras e uso criativo do Inglês – Havia em Thompson uma tendência para as palavras de fluxo, e uma utilização extremamente criativa da língua inglesa, além disso, a sensação de continuidade na fala, como se ele estivesse vomitando o que diz:

Concordei com ele. Àquela altura, a bebida estava começando a cortar o efeito do ácido e minhas alucinações estavam num nível tolerável. O garçom do serviço de quarto tinha feições reptilianas, mas eu tinha parado de enxergar pterodáctilos imensos caminhando pelos corredores em meio a poças de sangue fresco. Só restava um problema – um gigantesco letreiro de neon bem na nossa janela, bloqueando a vista das montanhas. (THOMPSON, 2007, p.33)

Em certos instantes, ele demonstra recursos como a erudição, por exemplo, no lugar de “tinha feições reptilianas”, ele poderia ter utilizado algo como “o garçom parecia um réptil” – mas uma linguagem por vezes rebuscada era a maneira de satirizar o texto ou os personagens.

- g) Descrição extrema das situações – o Duque Gonzo, como também era conhecido, alertava que um jornalista que lida com os loucos fica preso num dilema estranho – aquele em que a única maneira de escrever honestamente sobre a cena, é fazer parte dela (THOMPSON, 2004, p.176), por isso a descrição maximizada de tudo o que ocorre. Em trechos de *Medo e Delírio em Las Vegas*, Thompson nos dá além de descrições sobre aspectos físicos dos lugares e pessoas, ele faz passeios psicológicos, e nos fornece impressões até certo ponto sinestésicas. Assim ele descreve uma mulher que o atende em uma lanchonete:

A garçonete possuía certa hostilidade passiva, mas com isso eu estava acostumado. Era uma mulher grande. Não gorda, mas larga em todos os sentidos, com braços compridos e musculosos e uma mandíbula de gente briguenta. Uma caricatura destruída de Jane Russel: cabeçona com cabelos escuros, batom borrado e peitos enormes que devem ter sido espetaculares uns vinte anos atrás, quando ela foi a Mama dos Hell’s Angels (...) mas agora estavam embalados num sutiã elástico gigante e cor-de-rosa, que por baixo de seu uniforme de raion branco e suado parecia uma atadura (THOMPSON, 2007, p.168)

Não bastasse isso, suposições e divagações recebem espaços privilegiados no texto, como partes componentes de um relato que explora vastamente aspectos sensoriais. A inquietude e tédio de Thompson, por exemplo, são percebidos pelo leitor no trecho que se segue,



(...) onde quer que você sentasse ou tentasse se esconder, estaria sempre na mira de um alto-falante. Isso causava um efeito curioso. Em qualquer parte do salão, as pessoas tendiam a encarar o alto-falante mais próximo em vez de olharem para o vulto distante de quem estava falando lá na frente, em cima do palanque. Esse estilo 1935 de disposição de alto-falantes gerava um ambiente de total impessoalidade. Tinha algo de sinistro e autoritário (IDEM, 2007, p.145)

O *boom* de leituras e divulgação dos livros de Hunter Thompson ganhou força após 2005, ano da morte do escritor-jornalista, que cometeu suicídio ao atirar contra a própria cabeça. Editoras nacionais como a Rocco lançou os títulos clássicos produzidos por Thompson como *Medo e Delírio em Las Vegas* (2007), *Rum: diário de um jornalista bêbado* (2005) e *A Grande Caçada aos Tubarões*, esse, lançado em 2004, um ano antes da morte do autor. A Companhia das Letras também apostou no lançamento de obras ao estilo ‘Gonzo’ e publicou em 2005 ‘Reino do Medo’, uma biografia do ‘Doutor em Jornalismo’, como gostava de ser chamado Hunter Thompson.

### **3. Jornalismo e literatura: fronteiras contaminadas**

Essa seção do artigo remete ao título de um dos livros do pesquisador Rildo Coson<sup>3</sup>, que nos alerta para o fato de que, ao falamos de jornalismo e literatura, é importante não colocar essas esferas em dicotomia, como se estivessem dispostas em universos distantes: do contrário, essa discussão é tão antiga quanto à própria conceituação do jornalismo como gênero. Coson aponta para o fato de que a literatura plural da década de 1970 apresenta uma forte ligação com o jornalismo (COSON, 2007, p.37), o que não significa dizer que esse hibridismo de gêneros tenha parado ou começado aí, afinal, o pesquisador Edvaldo Pereira Lima afirma que “a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX” (LIMA, 1993, p.136).

O escritor e crítico literário Antônio Olinto (1968) nos mostra uma observação curiosa ao mencionar que o fazer jornalístico já foi considerado como uma espécie de “literatura sobre pressão”. Ao dizer isso Olinto aponta imediatamente uma semelhança entre essas categorias com um elemento-comum: a pressão, coexiste para esses dois campos, uma vez que o romancista, por exemplo, também sofre cobranças ao escrever – muito embora elas se apresentem de maneiras diferentes para uma e outra categoria,

---

<sup>3</sup> Professor e pesquisador nas áreas de literatura comparada, leitura e jornalismo, escreveu o livro ‘Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970’, onde discute, entre outros tópicos, a atuação do romance-reportagem como ponto paradigmático para as definições e rupturas do que se entende como fronteira existente entre as duas áreas de estudo.



(...) no caso do escritor que vive com mais liberdade o ato de criação, a pressão vem de dentro, é imposta pela própria necessidade de chegar ele ao fim da obra. Antes da concreção do pensamento, do sentimento, em palavras, existe o impulso interior que as provoca, existe um mundo de sensações pré-vocabulares. (...) Tudo isto (...) constitui o conjunto de matérias de que é escravo e que, ao mesmo tempo, domina e dirige, numa inter-relação de liberdade e pressão que também é própria do jornalismo, com a diferença de que este se encontra algo mais comprimido pelas circunstâncias, por acontecimentos estranhos ao homem. (OLINTO, 1968, p.18)

Não é possível precisar a quantidade de vezes que em certos momentos da história ainda não havia uma nitidez na separação categórica que limitava os jornalistas e os escritores. Assim temos que:

o plano do jornalismo é o de uma literatura para imediato consumo – donde, muitas vezes, o seu caráter efêmero –, uma literatura dotada de uma certa funcionalidade, onde a esquematização em sob muitos aspectos, necessária. (OLINTO, 1968, p.19)

Não há fronteiras rígidas entre os conceitos de literatura e jornalismo – mas se tem algo que não vai deixar de persistir é a maneira turva como essas atividades são tratadas, afinal,

se dizemos que a literatura é a transposição do real, enquanto que o jornalismo é a realidade em si mesma; argumentamos que na literatura há o sentido de permanência ao passo que no jornalismo que se prende ao cotidiano (sic), ao efêmero; se afirmamos que o jornal não dura, e o livro sim; se ponderamos que o escritor cria e expressa seus próprios pensamentos, enquanto o jornalista exprime os sentimentos e as reivindicações da comunidade – ao mesmo tempo em que verificamos essas distinções, constatamos numerosos pontos de afinidade entre jornalismo e literatura. (MENEZES, 1997, apud NEVES, 2006, p.20)

O que nos ajuda a visualizar melhor essa questão é o fato de perceber que existia – e ainda é comum nos dias de hoje – uma permuta entre esses dois campos profissionais: jornalistas e escritores convivendo em lugar-comum continua sendo uma situação natural. Por muito tempo uma questão nebulosa percorreu os espaços limítrofes da literatura colocando-a como uma expectativa de que esse recurso representasse

uma forma de amenizar não só o texto jornalístico, como a própria vida. O jornalismo deve aprender com a literatura a capacidade narrativa, assim como a literatura pode aprender com o jornalismo a rapidez e a busca pela objetividade (CASTRO e GALENO, 2002, p.26)





Outro autor que se preocupou em debater sobre a convergência desses temas foi o professor e pesquisador BULHÕES (2007, p.15). Ele faz distinções entre jornalismo e literatura, e coloca, em dado momento, que não há texto intocável em jornalismo, pois não existe a noção de que ele seja insubstituível (2007, p.15), e é importante tomar conhecimento de posicionamentos como esse, pois é a partir dele que tornamos mais nítida a assimilação da proposta Gonzo. E ao mencionar a utilização de uma escrita mais pessoal e subjetiva não implica estar fincado no posicionamento ingênuo de dizer que os jornais diários passarão a publicar notícias em poemas decassílabos ou discutir assuntos de política e economia em contos (o que não seria de todo ruim), mas não é disso que se trata. A situação que temos é a de que,

num primeiro momento, o jornalismo bebe da fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo (...) e a incorporação do estilo de expressão escrita. (OLINTO, 1968, p.138)

E as semelhanças não se esgotam nesse único exemplo. Para Olinto, “o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte” (1968, p.17). Tal situação nos põe a refletir numa questão essencial: a transitoriedade é inerente aos fatos, mas é nos olhos do jornalista onde a potencialidade de torná-los ou não esquecidos habita. Cabe ao escritor-jornalista domar a rapidez avassaladora com que os fatos são engolidos: o que queremos dizer com isso é que, usando o jargão do próprio meio, que o fato possa “render” algo – e com os recursos envolventes da literatura, o jornalista possui essa chance, aliada a uma genuína dose de talento. Assim, a literatura pode se alimentar do real, sem deixar de ser ficção, e o jornalismo capta, silenciosamente, elementos da ficcionalidade, mas preservando a informação, quebrando a ideia de que “atributos da linguagem literária, como ambigüidade e polissemia, não poderiam freqüentar o recinto jornalístico” (BULHÕES, 2007, p.26).

O que temos, com o exemplo de Hunter Thompson, é a abertura à necessidade de estabelecer uma relação de respeito e aceitação à um hibridismo antigo, e no entanto pouco ou timidamente explorado, que existe entre a literatura e o jornalismo. Assim é prudente enxergar que não há fronteiras rígidas entre esses conceitos – mas se tem algo que não vai deixar de persistir é a maneira turva como essas atividades são tratadas, afinal,



se dizemos que a literatura é a transposição do real, enquanto que o jornalismo é a realidade em si mesma; argumentamos que na literatura há o sentido de permanência ao passo que no jornalismo que se prende ao cotidiano (sic), ao efêmero; se afirmamos que o jornal não dura, e o livro sim; se ponderamos que o escritor cria e expressa seus próprios pensamentos, enquanto o jornalista exprime os sentimentos e as reivindicações da comunidade – ao mesmo tempo em que verificamos essas distinções, constatamos numerosos pontos de afinidade entre jornalismo e literatura. (MENEZES, 1997, apud NEVES, 2006, p.20)

Tais questionamentos começaram a ficar revoltos na década de 70, quando as situações deixaram de ser hipotéticas e os estudiosos se viam na obrigação de lidar com situações reais e palpáveis: chegavam-lhe às mãos os livros-reportagens ou romances reportagens. Essas informações são confirmadas por Cosson (2007, p.37) que atenta para o pluralismo da literatura nessa época que misturou conceitos que por tanto tempo foram mantidos intocáveis e distantes nas prateleiras, como vias que, por precaução, não poderiam se cruzar sob pena de causar acidentes.

E é justamente aqui onde se localiza um dos pontos latentes nessa discussão relativa à utilização do Jornalismo Gonzo como elemento catalisador: a de trazer como perigo – ainda que imaginário – a ideia de que a literatura fosse sugar o elemento credibilidade, considerado como algo tão indispensável para o jornalismo. Ostentar esse mérito muitas vezes representou um ponto contra, pois custou caro à qualidade e criatividade. Talvez a pergunta que mova todo o desenvolver desse artigo venha da dúvida maior: como, de fato, a literatura pode guiar o jornalismo na jornada que pretende ir de encontro ao relato humanizado? Apesar de aparentemente simples, essa questão é delicada. Evidentemente não podemos negar que o jornalista se alimenta de fatos comumente efêmeros e circunstanciais.

#### **4. Considerações finais: o Jornalismo Gonzo como Elemento de Catálise**

O intuito de apontar o Jornalismo Gonzo como elemento de catálise não pretende afastar ou excluir outras possibilidades textuais que produzam efeitos semelhantes e sim enfatizar a importância dessa técnica de reportagem que radicalizou uma situação que atendia a uma morosidade velada, impulsionada pelas regras estabelecidas pelos manuais de jornalismo.

Outro ponto que merece reflexões se concentra no estabelecimento de uma espécie de entrave marcado por um convencionalismo que sinalizou os escritos de



Truman Capote<sup>4</sup> como cânone dessa geração de escritores que unem o jornalismo e a literatura, através do que ficou conhecido como *New Journalism*, como apontam vários teóricos e estudiosos da área (COSSON, 2007; WOLFE, 2005; SODRÉ e FERRARI, 1968).

Com isso, os textos de Thompson passam a ser colocados erroneamente como meros acessórios inseridos em um ‘movimento’ maior, que seria o *New Journalism*, ou como um objeto ‘mal identificado’ a que lhe faltam indícios próprios de originalidade, quando na verdade o Jornalismo Gonzo estabeleceu características muito próprias que em muito se difere do que foi produzido por Capote e demais escritores e jornalistas da época, especialmente por acelerar uma relação histórica de gêneros. Apesar de utilizar elementos que mesclam o jornalismo e as técnicas da literatura, Capote o faz de uma maneira mais clássica, enquanto que nos textos de Thompson somos tomados por um experimentalismo latente e não por isso menos tocantes e incisivos.

Não queremos dizer com isso que os escritos de Hunter Thompson estabelecem pacífica e definitivamente a união entre jornalismo e literatura, mas certamente esse escritor-jornalista o fez de maneira mais radical que seus antecessores, especialmente no que diz respeito ao uso da ficcionalidade de maneira a tornar a narrativa contraditoriamente mais real, e sem dúvidas acelerou esse relacionamento de uma maneira não tão explicitamente vista ou arriscada até os dias de hoje.

## 5. REFERÊNCIAS

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas – Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

CASTRO, G. e GALENO, A. **Jornalismo e Literatura: A sedução da Palavra**. São Paulo: Ed. Graal, 2002.

---

<sup>4</sup> O livro *In Cold Blood*, traduzido para o português como ‘A Sangue Frio’, foi publicado em 1966 e foi rotulado pelo próprio autor como uma nova forma literária. Como Best seller, o livro foi largamente imitado na sua forma aparentemente ortodoxa de unir jornalismo e literatura, fato e ficção numa mesma e única narrativa (COSSON, 2007, p.114)



JULIÃO, André Gomes e MAGALHÃES, Renan. **Caminho Iluminado: trilhando a rota do jornalismo Gonzo**. Campinas, PUC-Campinas, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo: Identidades brasileiras**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro. 1968.

OTHITHIS, Christine. **The Beginnings And Concept Of Gonzo Journalism**. 1994. Disponível em: <<http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto nos meios de informação**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves. 1977.

THOMPSON, H. S. **A Grande caçada aos tubarões: Histórias estranhas de um tempo estranho**. São Paulo: Ed. Conrad. 2004.

\_\_\_\_\_. **Medo e Delírio em Las Vegas: uma jornada ao coração do Sonho Americano**. São Paulo. Ed. Conrad Livros. 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2005.